



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Formação - Aprender Mais na Reme 2024
Caderno 3
Leitura e Produção de Textos – LPT

Conhecimento: Identificar informações explícitas em um texto.

Leia o texto para responder às questões 1, 2 e 3

O verde (Inácio de Loyola Brandão)

Estranha é a cabeça das pessoas.

Uma vez, em São Paulo, morei numa rua que era dominada por uma árvore incrível. Na época da floração, ela enchia a calçada de cores. Para usar um lugar-comum, ficava sobre o passeio um verdadeiro tapete de flores; esquecíamos o cinza que nos envolvia e vinha do asfalto, do concreto, do cimento, os elementos característicos desta cidade. Percebi certo dia que a árvore começava a morrer. Secava lentamente, até que amanheceu inerte, sem folha. É um ciclo, ela renascerá, comentávamos no bar ou na padaria. Não voltou. Pedi ao Instituto Botânico que analisasse a árvore, e o técnico concluiu: fora envenenada. Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador. Cheios de suspeitas, fomos até ela, indagamos, e ela respondeu com calma, os olhos brilhando, agressivos e irritados:

— Matei mesmo essa maldita árvore.

— Por quê?

— Porque na época da flor ela sujava minha calçada, eu vivia varrendo essas flores desgraçadas.

1. Onde morava o narrador do texto?

2. Onde se reuniam os moradores do local e comentavam que era um ciclo da árvore, pois ela renasceria?

3. O que o técnico do Instituto Botânico concluiu sobre a árvore?



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

(SARESP - 2005). Leia o texto abaixo e responda.

QUÍMICA DA DIGESTÃO

Podemos nos comparar a uma fábrica que funciona 24 horas por dia. Vivemos fazendo e refazendo os materiais de nossas células. Quando andamos, cantamos, pensamos, trabalhamos ou brincamos, estamos consumindo energia química gerada pelo nosso próprio organismo. E o nosso combustível vem dos alimentos que comemos.

No motor do carro, por exemplo, a gasolina ou o álcool misturam-se com o ar, produzindo a combustão, que é uma reação química entre o combustível e o oxigênio do ar. Do mesmo modo, nas células do nosso organismo, os alimentos reagem com o oxigênio para produzir energia.

No nosso corpo, os alimentos são transformados nos seus componentes mais simples, equivalentes à gasolina ou ao álcool, e, portanto, mais fáceis de queimar. O processo se faz através de um grande número de reações químicas que começam a se produzir na boca, seguem no estômago e acabam nos intestinos. Daí, esses componentes são transportados pelo sangue até as células. Tudo isso também consome energia.

A energia necessária para todas essas transformações é produzida pela reação química

entre esses componentes mais simples, que são o nosso combustível, e o oxigênio do ar. Essa

é uma verdadeira combustão, mas uma combustão sem chamas, que se faz dentro de pequenas formações que existem nas células, as mitocôndrias, que são nossas verdadeiras usinas de energia.

Adaptado do artigo de Lúcia Tosi, da Universidade Pierre e Marie Curie, originalmente publicado no volume 6 da coleção Ciência Hoje na Escola <http://chc.cienciahoje.uol.com.br>.

4. O texto afirma que o nosso corpo pode ser comparado a uma fábrica, porque

- (A) reage quimicamente pela combustão.
- (B) move-se à base de gasolina ou álcool.
- (C) produz energia a partir dos alimentos.
- (D) utiliza oxigênio como combustível.

Leia o texto abaixo e responda.

Literatura informativa

A literatura informativa compõe-se de textos descritivos sobre a terra descoberta, produzidos nos primeiros tempos da nossa colonização. Esses textos têm grande valor histórico: são cartas e relatórios de navegantes, administradores, missionários. Um dos principais objetivos dessa literatura de informação era retratar a fauna e a flora da nova terra, as riquezas minerais, os costumes dos nativos. O primeiro documento é a famosa carta de Pero Vaz de Caminha – saboroso e minucioso relato das primeiras impressões de um europeu sobre nossa terra tropical e seus primitivos habitantes. Nessa carta, além de passagens descritivas, há também pequenas narrativas, quando Caminha conta, por exemplo, as reações dos índios ao desembarque dos navegadores portugueses.

Adaptado de Maria Fernandes Cocco e Marco Antonio Hailer. Novo ALP, pp. 27-28

5. O texto informa que o primeiro texto descritivo sobre o Brasil procurava retratar

- (A) fauna e flora da nova terra recém descoberta.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

- (B) riquezas minerais e costumes dos nativos.
- (C) impressões de navegantes, administradores, missionários.
- (D) primeiras impressões de Pero Vaz de Caminha.

(SAEPI). Leia o texto abaixo e responda.

REPENSANDO O MEIO AMBIENTE

Antigamente, o homem tinha a impressão de que os recursos da natureza eram infinitos.

Por exemplo, o caçador de mamutes via tantos deles e só conseguia capturar um ou outro, entendendo assim que seu número era infindável. A noção de que a natureza é infinita mudou a partir do momento em que o homem, dominando a técnica, fabricou máquinas capazes de, em poucos dias, destruir uma floresta; ou, indo a extremos, acabar com o mundo em minutos, caso resolva experimentar algumas de suas bombas atômicas.

Sabemos agora que os recursos materiais da Terra têm fim, e que, se a agressão ao meio ambiente continuar, em poucos anos o planeta não será capaz de assimilar tanta “pancada”. E tudo indica que, para resolver o problema da sobrevivência do homem, é preciso mudar as formas de exploração da própria natureza que o alimenta – de tudo: ar, água, matéria-prima, tudo.

A Terra é frágil. Melhor, ficou frágil. Antigamente, quando caçava mamutes, o homem tinha medo da natureza: raios, trovões, inundações, rios e mares enormes, frio e calor. O

homem não conhecia a natureza. À medida que a foi conhecendo, também a foi aniquilando, a tal ponto que a situação se inverteu: hoje ele tem medo da própria delicadeza da Terra, enfraquecida diante de sua hostilidade, com seus mecanismos naturais de autorregeneração destruídos pela capacidade desmedida.

Declaramos guerra à natureza e somos os perdedores ao vencê-la. Se a tratássemos com amor, ela poderia ser infinita, desde que não fosse saqueada ao extremo de sua resistência e capacidade regenerativa.

CHIAVENATO, Júlio José. *O massacre da natureza*. Disponível em: <<http://t7d-eja.blogspot.com/>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

6. Segundo esse texto, para resolver o problema da natureza é preciso que o homem
- (A) declare guerra à natureza.
 - (B) fabrique máquinas que destruam a natureza.
 - (C) mude a forma de explorar a natureza.
 - (D) pare de caçar mamutes.

Observe o diálogo a seguir e responda às questões 7, 8 e 9.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/851250767049121710/> Acesso em: 14/03/22.

7. O que o homem mais velho pede ao garoto, à medida que ele for crescendo?

8. Qual equipamento a pessoa mais velha sugere à mais nova para ele ver o melhor das pessoas?

9. Para que o homem sugere o uso de um equipamento específico a Hamlet?



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Formação - Aprender Mais na Reme 2024
Caderno 3
Leitura e Produção de Textos – LPT

Conhecimento: Deduzir uma informação implícita em um texto.

Leia o texto para responder às questões 1, 2 e 3

O verde (Inácio de Loyola Brandão)

Estranha é a cabeça das pessoas.

Uma vez, em São Paulo, morei numa rua que era dominada por uma árvore incrível. Na época da floração, ela enchia a calçada de cores. Para usar um lugar-comum, ficava sobre o passeio um verdadeiro tapete de flores; esquecíamos o cinza que nos envolvia e vinha do asfalto, do concreto, do cimento, os elementos característicos desta cidade. Percebi certo dia que a árvore começava a morrer. Secava lentamente, até que amanheceu inerte, sem folha. É um ciclo, ela renascerá, comentávamos no bar ou na padaria. Não voltou. Pedi ao Instituto Botânico que analisasse a árvore, e o técnico concluiu: fora envenenada. Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador. Cheios de suspeitas, fomos até ela, indagamos, e ela respondeu com calma, os olhos brilhando, agressivos e irritados:

— Matei mesmo essa maldita árvore.

— Por quê?

— Porque na época da flor ela sujava minha calçada, eu vivia varrendo essas flores desgraçadas.

1. Observe a frase: "Na época da floração, ela enchia a calçada de cores." (2º parágrafo). Qual é a época da floração?

2. Releia, atentamente, a seguinte frase e responda à questão: "Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador." (2º parágrafo). Qual é a primeira impressão que o texto sugere ao ler que a vizinha regava a árvore todos os dias?

3. Por que a árvore parou de florescer?



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

Retirado de: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2022/07/conto-o-verde-ignacio-de-loyola-brandao.html>. Acesso em 2 de mai. 2024.

(Equipe PIP). Leia o texto abaixo e responda.

O IMPÉRIO DA VAIDADE

Você sabe por que a televisão, a publicidade, o cinema e os jornais defendem os músculos torneados, as vitaminas milagrosas, as modelos longilíneas e as academias de ginástica? Porque tudo isso dá dinheiro. Sabe por que ninguém fala do afeto e do respeito entre duas pessoas comuns, mesmo meio gordas, um pouco feias, que fazem piquenique na praia?

Porque isso não dá dinheiro para os negociantes, mas dá prazer para os participantes. O prazer é físico, independentemente do físico que se tenha: namorar, tomar *milk-shake*, sentir o sol na pele, carregar o filho no colo, andar descalço, ficar em casa sem fazer nada. Os melhores prazeres são de graça - a conversa com o amigo, o cheiro do jasmim, a rua vazia de madrugada -, e a humanidade sempre gostou de conviver com eles. Comer uma feijoada com os amigos, tomar uma caipirinha no sábado também é uma grande pedida. Ter um momento de prazer é compensar muitos momentos de desprazer. Relaxar, descansar, despreocupar-se, desligar-se da competição, da áspera luta pela vida - isso é prazer.

Mas vivemos num mundo onde relaxar e desligar-se se tornou um problema. O prazer gratuito, espontâneo, está cada vez mais difícil. O que importa, o que vale, é o prazer que se compra e se exhibe, o que não deixa de ser um aspecto da competição. Estamos submetidos a uma cultura atroz, que quer fazer-nos infelizes, ansiosos, neuróticos. As filhas precisam ser Xuxas, as namoradas precisam ser modelos que desfilam em Paris, os homens não podem assumir sua idade.

Não vivemos a ditadura do corpo, mas seu contrário: um massacre da indústria e do comércio. Querem que sintamos culpa quando nossa silhueta fica um pouco mais gorda, não porque querem que sejamos mais saudáveis - mas porque, se não ficarmos angustiados, não faremos mais regimes, não compraremos mais produtos dietéticos, nem produtos de beleza, nem roupas e mais roupas. Precisam da nossa impotência, da nossa insegurança, da nossa angústia.

O único valor coerente que essa cultura apresenta é o narcisismo.

LEITE, Paulo Moreira. *O império da vaidade*. Veja, 23 ago. 1995. p. 79.

4.O autor pretende influenciar os leitores para que eles:

- (A) sejam mais críticos em relação ao incentivo do consumo pela mídia.
- (B) excluam de sua vida todas as atividades incentivadas pela mídia.
- (C) fiquem mais em casa e voltem a fazer os programas de antigamente.
- (D) evitem todos os prazeres cuja obtenção depende de dinheiro.

(PAEBES) Leia o poema abaixo e responda.

AMIGOS DO PEITO

Todo dia eu volto da escola
com a Ana Lúcia da esquina.
Da esquina não é sobrenome,
é o endereço da menina.
O irmão dela é mais velho
e mesmo assim é meu amigo.
Sempre depois do almoço,
ele joga bola comigo.
Já o Carlos Alberto, do lado,



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

(do lado não é nome também)
tem uma bicicleta legal,
mas não empresta pra ninguém.
O bairro onde moro é assim,
tem gente de tudo que é jeito.
Pessoas que são muito chatas,
e um monte de amigos do peito:
o Bruno do prédio da frente,
o Ricardo do sétimo andar,
o irmão da Lúcia da esquina,
o filho do dono do bar.
O nome completo deles
eu nunca sei, ou esqueço.
Amigo não tem sobrenome:
amigo tem endereço.

THEBAS, Cláudio. *Amigos do peito*. Belo Horizonte: Formato. 1996.

5. Nesse texto, na visão do eu lírico
- (A) o mais importante é ter amigos.
 - (B) o menino evita emprestar sua bicicleta.
 - (C) o menino mora em um bairro de pessoas chatas.
 - (D) o sobrenome dos amigos deve ser esquecido.

(PROEB). Leia o texto abaixo e responda.

O SÁBIO

Havia um pai que morava com suas duas jovens filhas, meninas muito curiosas e inteligentes. Suas filhas sempre lhe faziam muitas perguntas.

Algumas, ele sabia responder. Outras, não fazia a mínima ideia da resposta.

Como pretendia oferecer a melhor educação para as suas filhas, as enviou para passar as férias com um velho sábio que morava no alto de uma colina. Este, por sua vez, respondia a todas as perguntas, sem hesitar.

Já muito impacientes com essa situação, pois constataram que o tal velho era realmente sábio, resolveram inventar uma pergunta que o sábio não saberia responder.

Passaram-se alguns dias e uma das meninas apareceu com uma linda borboleta azul e exclamou para a sua irmã:

– Dessa vez o sábio não vai saber a resposta!

– O que você vai fazer? Perguntou a outra menina.

– Tenho uma borboleta azul em minhas mãos. Vou perguntar ao sábio se a borboleta está viva ou está morta. Se ele disser que ela está viva, vou apertá-la rapidamente, esmagá-la e, assim, matá-la. Como consequência, qualquer resposta que o velho nos der, vai estar errada.

As duas meninas foram, então, ao encontro do sábio que se encontrava meditando sob um eucalipto na montanha. A menina aproximou-se e perguntou:

– Tenho aqui uma borboleta azul. Diga-me, sábio, ela está viva ou morta?

Calmamente, o sábio sorriu e respondeu:

– Depende de você... Ela está em suas mãos.

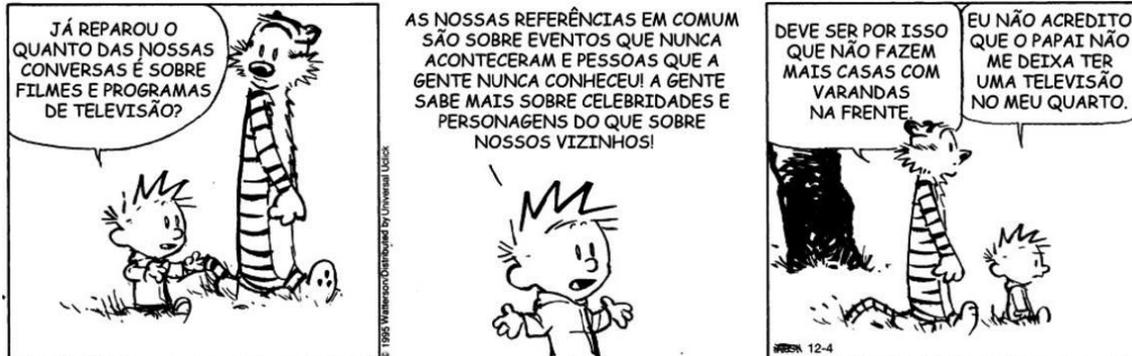
Enviado por Josefa Prieto Andres. *Adaptado: Reforma Ortográfica.

6. O velho da história era
- (A) curioso.
 - (B) paciente.
 - (C) calmo.
 - (D) inteligente.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Leia o diálogo, com atenção, e responda às questões 7, 8 e 9.



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=tirinhas+do+calvin+em+portugues&source=> Acesso em: 02/05/22.

7. Apesar de apresentar uma fala breve, o discurso de Calvin pode gerar surpresa no leitor. Por quê?

8. No segundo quadrinho, o que Calvin quis dizer com “nossas referências em comum”?

9. Com base em qual argumento Calvin defende o direito de ter uma televisão no quarto?



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Formação - Aprender Mais na Reme 2024
Caderno 3
Leitura e Produção de Textos - LPT

Conhecimento: Identificar o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

Leia o texto para responder às questões 1, 2 e 3.

O verde (Inácio de Loyola Brandão)

Estranha é a cabeça das pessoas.

Uma vez, em São Paulo, morei numa rua que era dominada por uma árvore incrível. Na época da floração, ela enchia a calçada de cores. Para usar um lugar-comum, ficava sobre o passeio um verdadeiro tapete de flores; esquecíamos o cinza que nos envolvia e vinha do asfalto, do concreto, do cimento, os elementos característicos desta cidade. Percebi certo dia que a árvore começava a morrer. Secava lentamente, até que amanheceu inerte, sem folha. É um ciclo, ela renascerá, comentávamos no bar ou na padaria. Não voltou. Pedi ao Instituto Botânico que analisasse a árvore, e o técnico concluiu: fora envenenada. Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador. Cheios de suspeitas, fomos até ela, indagamos, e ela respondeu com calma, os olhos brilhando, agressivos e irritados:

— Matei mesmo essa maldita árvore.

— Por quê?

— Porque na época da flor ela sujava minha calçada, eu vivia varrendo essas flores desgraçadas.

1. O que significa a afirmação do narrador no início do texto: "Estranha é a cabeça das pessoas.".

2. Analise a frase: "Na época da floração, ela enchia a calçada de cores." (2º parágrafo). Qual o sentido da expressão "enchia a calçada de cores" na concepção dos vizinhos e da senhora?

3. Observe a frase: [...] esquecíamos o cinza que nos envolvia [...] (2º parágrafo). Que cinza era esse ao qual o narrador se referia?



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Adaptado de: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2022/07/conto-o-verde-ignacio-de-loyola-brandao.html>. Acesso em 2 de mai. 2024.

(2ª P.D – SEDUC-GO). Leia o poema e responda.

A namorada

Manoel de Barros

Havia um muro alto entre nossas casas.
Difícil de mandar recado para ela.
Não havia e-mail.
O pai era uma onça.
A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
Se a namorada respondesse pela mesma pedra
Era uma glória!
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira
E então era agonia.
No tempo do onça era assim.

Disponível em: http://www.releituras.com/manoeldebarros_namorada.asp. Acesso em 21/02/2013.

4. No trecho “O pai era uma onça,” a palavra destacada sugere que o pai era
- (A) violento.
 - (B) esperto.
 - (C) rápido.
 - (D) rígido.

(SAERS). Leia o texto abaixo e responda.

O VÍRUS DA GRIPE PODE ESTAR EM MUITOS LUGARES. SÓ QUE VOCÊ NÃO VÊ.

Previna-se.

Lavar as mãos com água e sabonete, especialmente depois de tossir ou espirrar.

Após tossir ou espirrar, cobrir o nariz e a boca com um lenço descartável.

Não compartilhar alimentos, copos, toalhas e objetos de uso pessoal.

Lave as mãos frequentemente.

NÃO USE MEDICAMENTOS SEM ORIENTAÇÃO MÉDICA.

www.saude.gov.br
Linha Saúde 0800 01 1907

Disponível em: <http://www.portal.saude.gov.br/portal/saude>. Acesso em: 28 mar. 10.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

5. Nesse texto, a palavra “Previna-se” indica
- (A) um elogio.
 - (B) um protesto.
 - (C) uma ordem.
 - (D) uma orientação.

Leia o texto para responder à questão abaixo:



In: O GLOBO. Rio de Janeiro. 22 de fevereiro de 1990

6. A expressão “sambe mas não dance” significa:
- (A) divirta-se sem se expor ao perigo.
 - (B) brinque muito no carnaval.
 - (C) é perigoso dirigir fantasiado.
 - (D) é preciso beber para usar fantasia.

Leia o texto para responder às questões 7 e 8.

A velhinha contrabandista (de Stanislaw Ponte Preta)



Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava na fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

lambreta. O pessoal da alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com quarenta anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

— Juro – respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Fonte: <https://contobrasileiro.com.br/a-velhinha-contrabandista-cronica-de-stanislaw-ponte-preta/> Acesso em: 02/05/22.

7. Como você justifica o uso dos travessões para inserção da expressão “tudo malandro velho”, presente no primeiro parágrafo? Responda comentando se a intenção dessa utilização é a mesma dos demais travessões que constam no texto.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

8. Sobre a expressão “malandro velho”, presente no primeiro parágrafo, está empregada com o sentido de:

- (A) constatar que o pessoal da alfândega era idoso e atento.
- (B) alegar que muitos espertalhões passavam pela alfândega.
- (C) dizer que aquele pessoal da alfândega era experiente no ofício.
- (D) sugerir que quem trabalha na alfândega precisa ser bem esperto.